



澳門大學
UNIVERSIDADE DE MACAU
UNIVERSITY OF MACAU



澳門理工大學
Universidade Politécnica de Macau
Macao Polytechnic University



澳門旅遊大學
UNIVERSIDADE DE TURISMO DE MACAU
Macao University of Tourism



澳門科技大學
UNIVERSIDADE DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MACAU
MACAU UNIVERSITY OF SCIENCE AND TECHNOLOGY

Exame Unificado de Acesso (Línguas e Matemática) às Quatro Instituições do Ensino Superior de Macau

Exames e Resposta do Ano 2025

Português A

Leia o texto com atenção.

**“AS FRONTEIRAS SÃO UM SISTEMA ANTIGO PARA LIDAR COM AS
CONSEQUÊNCIAS DE GUERRAS RELIGIOSAS. NÃO ESTÃO FEITAS PARA LIDAR
COM A GLOBALIZAÇÃO, A INTERNET E AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS”**

SARA RODRIGUES JORNALISTA

10.12.2023 às 19h00

A pergunta “O que é uma fronteira?” acompanhou o escritor e historiador escocês durante décadas. A queda do Muro de Berlim, naquela noite de novembro de 1989, deixou James Crawford, hoje com 45 anos, obcecado pela ideia de que a construção de betão, mais do que uma estrutura física, é a história que contamos sobre ela. Depois de estudar as origens das fronteiras, fez uma viagem pela sua configuração atual e escreveu *O Poder das Fronteiras – Como Constroem, Destroem e Definem o Nosso Mundo* (Saída de Emergência, 366 págs., €19,90), recentemente lançado entre nós.

A pandemia, também ela uma barreira que nos impôs obstáculos até dentro de casa, interrompeu o périplo que James Crawford fez e que passou pelos EUA, pelo México, pela Palestina, por Espanha ou pelo Norte de África. Apesar do entusiasmo de décadas anteriores, o escritor diz que a globalização e a internet não tornaram os Estados-nação e as fronteiras nacionais irrelevantes, mas há um desafio que se avizinha: as alterações climáticas podem fazer alterar várias linhas da cartografia mundial. E os primeiros refugiados climáticos virão da Oceânia.

O que é, afinal, uma fronteira?

De diferentes maneiras, é isso que o livro tenta interrogar. Em última análise, o que pretendo dizer é que toda a história de uma fronteira tem de ser a história que contamos, porque não existe nenhuma fronteira política que seja natural. Sempre que se tenta demarcar o local de onde nos movemos de um território para outro, temos de ter isso em conta, que existe uma razão para isso. A razão pela qual um centímetro além de uma linha deixa de ser um território, uma nação, um país, e passa a ser outro. E mesmo que se utilize, por exemplo, um rio ou uma cordilheira para um substituto dessa linha, ainda teremos de tentar explicar porque é que está lá.

Que tipo de fronteiras existem?

O que temos certamente, nos últimos 20 anos, é um aumento das fronteiras físicas. O Muro de Berlim caiu quando eu tinha 11 anos. Essa estrutura pela qual, de certa forma, estava um pouco obcecado, porque parecia que não dividia apenas uma cidade mas o mundo, caiu naquela noite de novembro de 1989. Falando das histórias das fronteiras, dizemos que o muro caiu naquela noite e, embora isso não seja verdade, o que o muro significava mudou completamente. Antes de ter caído, de ter sido derrubado fisicamente, caiu porque se quebrou na mente das pessoas, não havia mais uma barreira ali. Quando o Muro de Berlim desapareceu, existiam 12 muros fronteiriços, hoje são 75. Pensou-se, na altura, que seria o início da diminuição das fronteiras,

por causa da Cortina de Ferro, mas na verdade, a tendência, principalmente desde o início dos anos 1990, é o crescimento de muros.

Para que servem as fronteiras de hoje?

É interessante verificar como as fronteiras mudaram. As que existem hoje têm, em termos de formação e de construção, conceptualmente, cerca de 350 anos, sendo que esse sistema de fronteiras surgiu de uma resolução de paz depois de uma guerra religiosa que destruiu a Europa, de uma divisão na igreja e do crescimento do protestantismo perante o catolicismo e a necessidade de ter limites geográficos. A partir desse acordo de paz, apareceu a ideia de que o monarca deveria decidir que religião era praticada no seu território. Hoje em dia, as fronteiras servem menos para dividir nações e muito mais para lidar com fluxos migratórios. Na verdade, para dividir os ricos dos mais pobres. As fronteiras, particularmente os muros que se vão construindo, têm como objetivo canalizar os migrantes.

É por isso que são uma expressão política?

As fronteiras são sempre uma expressão política. Aliás, só podem ser, porque assumem a forma que se quiser. Podem ser, até, uma simples linha que nem se assinala no mapa. Se olharmos para a maneira como são legalmente feitas, vemos que, em primeiro lugar, há um tratado entre dois países e só depois vem o processo de a marcar cartograficamente e a maneira como é construída. Pode ser uma vedação ou um muro de oito metros de altura, mas é sempre o símbolo de uma vontade política. Apesar disso, sabemos que não impede as pessoas de tentar trespassá-la, como acontece entre o México e os EUA ou no Norte de África para a Europa. Pode dificultar a ação, mas não impede.

A ideia de que as fronteiras são fixas ou imutáveis é ficção?

Sim. Se olharmos para a história das fronteiras (e é isso que tento fazer no livro), no momento em que se traça uma linha, a ideia é a de que ela estará lá para sempre e nunca mudará. Mas o que acontece na realidade é que as fronteiras estão em constante movimento e um dos melhores exemplos está nos EUA. Se recuarmos a 1819, a fronteira entre o México e os EUA não incluía 800 mil metros quadrados que são hoje dos americanos. Além disso, no tratado assinado entre os dois países, estava escrito que os EUA renunciariam a todas as reivindicações sobre as terras a sul e a oeste dessa linha de fronteira. Essa promessa durou pouco mais de 30 anos. A América entrou em guerra com o México e empurrou a fronteira para a sua posição atual e agora age como se tivesse estado sempre lá.

Porque é que uma linha num mapa tem tanto poder?

Penso que é uma forma simples de mostrar o que é de cada um. Há uma frase de um escritor e poeta norte-americano, Robert Frost, que diz que “as boas cercas fazem bons vizinhos”. Mas quem decide o que é uma boa cerca? Uma fileira de árvores que permite conversar com o vizinho ou uma vedação enorme de onde não se consegue vê-lo porque o que se quer é privacidade? A Humanidade é tribal, gostamos de pertencer, mas também queremos definir-nos em oposição aos outros.

A história mais antiga que se conhece sobre fronteiras foi entre duas cidades-Estado da Mesopotâmia, há 4 500 anos. Conta-se que o pai de todos os deuses traçou ali uma linha, uma fronteira divina preexistente a todos nós e que sempre lá esteve. Claro que isto, simplesmente, não é verdade...

As fronteiras vão sobreviver ao próximo século?

Há uma crise nas fronteiras, embora isso não signifique que vão desaparecer, mas que vão ser colocadas sob tanta pressão que algumas irão romper. Estamos naquele momento em que a prevalência física é, na verdade, um sintoma de rutura, dado que as fronteiras são um sistema antigo para lidar com as consequências de guerras religiosas. E não estão feitas para lidar com a globalização, a ascensão da internet e as alterações climáticas. O clima é hoje o verdadeiro disruptor das fronteiras. Daqui a 50 anos, haverá um movimento de massas para zonas habitáveis.

Tuvalu vai ser a primeira nação a ser consumida pela subida do nível do mar. Serão, provavelmente, os primeiros refugiados climáticos. Um país pode manter a sua condição de Estado, mesmo quando perde o seu território físico?

Esse é um ponto essencial. Nunca tivemos de lidar com o desaparecimento físico de uma nação. Já houve países que desapareceram por causa de guerras, outros que reemergiram na sequência da II Guerra Mundial, mas nunca nenhum foi engolido pela água. Tuvalu fez o que apelidaram de “cópia digital do país”, ou seja, estão a tentar estabelecer uma espécie de soberania que não se baseia no território geográfico e esperam que as leis internacionais a confirmem. Não sei se vão conseguir, mas a questão é: pode haver uma nação sem fronteiras? Não temos, ainda, resposta para isto, mas o mundo vai ser pressionado a obtê-la.

A Covid-19 interrompeu as suas viagens. As fronteiras desempenharam um papel importante durante a pandemia?

Foi até algo irónico porque eu estava na Noruega para escrever sobre fronteiras e a fronteira fechou, tive de me ir embora. Aquilo a que assistimos durante a pandemia foi a um encolher cada vez maior das fronteiras por causa dos confinamentos. Se estávamos doentes, tínhamos de ficar fechados no quarto sem poder estar, sequer, com as outras pessoas da casa. A porta passou a ser um travão. Foram criadas barreiras biológicas, os cordões sanitários. Desde a peste negra, foi a primeira vez que as pessoas começaram a pensar espacialmente sobre o território. (...)

Diz no livro que uma fronteira nunca é simplesmente uma linha, uma marca ou um muro. Primeiro, é uma ideia. O povo ucraniano está a defender o seu território para proteger o seu propósito de vida?

A situação na Ucrânia parece ter sido motivada por uma busca muito pessoal de Vladimir Putin, que passou muito tempo nos arquivos do Kremlin durante a pandemia, a examinar mapas antigos e a contemplar a extensão da mãe Rússia, e decidiu que a Ucrânia nunca tinha existido, que nunca foi um lugar e um povo separados. É mais uma guerra impulsionada por uma história. Uma narrativa que Putin meteu na cabeça, de que a Ucrânia não existe, e que tenta passar para todos.

Tem em casa um pedaço do Muro de Berlim que comprou no eBay. Qual o significado?

É difícil dizer o que significa porque não sei se é verdadeiro, aliás, suspeito que não é. Mas, ao

mesmo tempo, isso não me apoquentava, e dei comigo a segurá-lo nas mãos enquanto escrevia este livro. O que há de tão interessante no Muro de Berlim, diria que quase cómico, é que é uma fronteira que agora está espalhada por todos os continentes, exceto talvez a Antártica... [Risos.] Ou talvez alguém também tenha levado um pedaço do Muro de Berlim para lá... Podemos encontrá-lo em todos os tipos de lugares estranhos e incomuns, seja nos pertences pessoais de alguém, nas esquinas de Nova Iorque ou em museus. Quando estava a escrever o livro, encontrei bocados do Muro de Berlim a servirem de pano de fundo de uma casa de banho em Las Vegas. Para mim, o Muro de Berlim é um símbolo da fragilidade das fronteiras e de esperança na Humanidade. Naquela noite, a História mudou rapidamente, décadas de separação caíram por terra mesmo antes de o muro ser desmantelado. Mudámos a História e mudámos o guião.

<https://visao.pt/ideias/2023-12-10-as-fronteiras-sao-um-sistema-antigo-para-lidar-com-as-consequencias-de-guerras-religiosas-nao-estao-feitas-para-lidar-com-a-globalizacao-a-internet-e-as-alteracoes-climaticas/>

A. Responda às questões sobre a entrevista. (5% x 7 = 35%)

1. De acordo com o texto, que factores contribuem para a definição de fronteira?

2. Com base na resposta do entrevistado, explique o que se entende por ser ficção considerar-se uma fronteira como algo fixo ou imutável?

3. “Hoje em dia, as fronteiras servem menos para dividir nações e muito mais para lidar com fluxos migratórios.” Que fatores podem determinar os fluxos migratórios?

- 4. Qual é a opinião do entrevistado relativamente ao papel das fronteiras? Retire do texto uma frase que ilustre essa a opinião.**

- 5. Num mundo globalizado, como se justifica a existência de fronteiras?**

6. Segundo o entrevistado, em que medida é que o conceito tradicional de fronteira se encontra crescentemente desajustado da realidade global dos dias de hoje?

7. “Resuma, por palavras suas, o exemplo de causa-efeito entre mudanças climáticas e o fim físico de uma nação mencionado e expresse a sua ideia acerca da pergunta colocada pelo entrevistado: “pode haver uma nação sem fronteiras?”

B.1. Ligue de forma lógica as ideias contidas na tabela, em função do texto. (2% x 10 = 20%)

1.	A existência das fronteiras	a.	alteram a configuração dos limites fronteiriços.
2.	Para além de físicas,	b.	poderão ter um papel fulcral na definição de uma fronteira.
3.	As fronteiras	c.	está relacionada com a mobilidade populacional.
4.	A definição atual das fronteiras	d.	não são intransponíveis.
5.	As relações diplomáticas entre dois países	e.	poderá vir a ser afetada por mudanças sociais.
6.	A definição das fronteiras	f.	já não está adaptado às novas realidades do século XXI.
7.	Questões de identidade nacional	g.	as fronteiras podem ser também mentais.
8.	O conceito de fronteira, tal como foi definido há uns séculos,	h.	podem ser afetadas por questões fronteiriças.
9.	As linhas cartográficas definidas a nível político	i.	tem origem nas lutas religiosas.
10.	Por vezes, as motivações belicistas	j.	são predominantemente políticas.

1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10

B.2. Rescreva a frase a partir da expressão fornecida, fazendo as alterações necessárias.

(5% x 2 = 10%)

1. A pandemia, também ela uma barreira que nos impôs obstáculos até dentro de casa, interrompeu o périplo que James Crawford fez e que passou pelos EUA, pelo México, pela Palestina, por Espanha ou pelo Norte de África.

O Périplo _____

2. (...) Eu estava na Noruega para escrever sobre fronteiras e a fronteira fechou, tive de me ir embora.

Se _____

- C. Tendo em conta a conjuntura global que vivemos nos dias de hoje, redija um texto de opinião sobre as possíveis vantagens e desvantagens da inexistência de fronteira a nível internacional. (mínimo 400 palavras) (35%)**

Resposta :

A. Responda às questões sobre a entrevista.

1. De acordo com o texto, que factores contribuem para a definição de fronteira?

Ao definir ‘fronteira’, o entrevistado refere-se, concretamente, à delimitação territorial entre estados. Essa delimitação não é natural. Tem sempre uma base política e histórica, mesmo que a demarcação seja feita a partir de um elemento topográfico, como um rio ou uma cordilheira. O entrevistado fala também nas fronteiras físicas estabelecidas através da construção de muros, dando como exemplo o antigo Muro de Berlim. Fronteiras físicas, ou topográficas, pode também refletir uma fronteira ideológica no imaginário coletivo dos povos, como era o caso da Cortina de Ferro.

2. Com base na resposta do entrevistado, explique o que se entende por ser ficção considerar-se uma fronteira como algo fixo ou imutável?

O entrevistado dá como exemplo da inverdade de uma fronteira ser algo fixo ou imutável o caso das muitas mudanças pelas quais a delimitação da fronteira entre os E.U.A. e o México tem passado ao longo da História desde 1819. Uma fronteira delimitada num determinado período, pode ser alterado posteriormente na sequência de imposições ou acordos entre os países que partilham essa delimitação.

3. “Hoje em dia, as fronteiras servem menos para dividir nações e muito mais para lidar com fluxos migratórios.” Que fatores podem determinar os fluxos migratórios?

No mundo contemporâneo os fluxos migratórios estão a ser determinados, primordialmente, por razões económicas – de países pobres para países mais ricos, mas também, por mudanças climáticas e por questões de saúde pública, como foi o caso da recente pandemia global.

4. Qual é a opinião do entrevistado relativamente ao papel das fronteiras? Retire do texto uma frase que ilustre essa a opinião.

De acordo com o texto, uma fronteira tem sempre uma origem política (que pode incluir também motivos religiosos. Servem para os estados demarcarem os seus limites geográficos e, ao definirem esse limite físico, também afirmarem a diferenciação da sua identidade político-ideológica e, em certas épocas e casos, religiosa. Veja-se o seguinte excerto: “a história de uma fronteira tem de ser a história que contamos, porque não existe nenhuma fronteira política que seja natural.”; e ainda: “As fronteiras são sempre uma expressão política.”

5. Num mundo globalizado, como se justifica a existência de fronteiras?

Segundo o entrevistado, hoje em dia, em consequência da globalização, as fronteiras existem não tanto como divisão entre nações, mas como forma de controlar os fluxos migratórios de países pobres na direção dos países mais ricos. Ou seja, tal como é dito: “(...) para dividir os ricos dos mais pobres.”

6. Segundo o entrevistado, em que medida é que o conceito tradicional de fronteira se encontra crescentemente desajustado da realidade global dos dias de hoje?

O entrevistado refere que as fronteiras foram, originalmente, estabelecidas para demarcar os limites geográficos entre nações. Contudo, ainda segundo ele, a realidade climática e a globalização económica e digital evidenciam a inadequação das fronteiras. Face a estes fenómenos, essas fronteiras já não se revelam eficazes na demarcação territorial e identitária das nações.

7. “Resuma, por palavras suas, o exemplo de causa-efeito entre mudanças climáticas e o fim físico de uma nação mencionado e expresse a sua ideia acerca da pergunta colocada pelo entrevistado: “pode haver uma nação sem fronteiras?”

O entrevistado refere o caso de Tuvalu, um país insular que será o primeiro a ficar submerso e a desaparecer devido ao aquecimento global, em consequência das mudanças climáticas. O desaparecimento físico deste país coloca-nos perante o problema da definição de ‘nação’ não ausência de fronteiras físicas. Sabemos que na história da Humanidade, embora por outras razões, não é o primeiro caso em que um povo-nação perde o seu espaço físico. Veja-se o caso da diáspora milenar dos judeus, até ao estabelecimento do Estado de Israel, após a 1a. Guerra Mundial. Eles lograram manter-se como nação, em termos étnicos religiosos e identitários, apesar da imensa dispersão fora do território onde originaram. Contudo, o caso que Tuvalu coloca é destinto, tanto nas razões que obrigarão o seu povo à diáspora, como na sobrevivência e continuidade deles nessa mesma diáspora, como ainda na impossibilidade de sonhar com um regresso ao território original. Face à impossibilidade total de um regresso a esse espaço físico e à tendência no nosso mundo global para a integração de minorias imigrantes nos países de acolhimento, o povo de Tuvalu acabará por não conseguir manter a noção de nação, com a mesma tenacidade que teve o povo judaico. Tuvalu permite-nos perceber uma nova noção de nação, baseada numa identidade étnica e cultural partilhada, mas sem uma referência geográfica específica.

B.1. Ligue de forma lógica as ideias contidas na tabela, em função do texto.

1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10
i	g	j	c	h	e	b	f	d	a

B.2. Rescreva a frase a partir da expressão fornecida, fazendo as alterações necessárias. (2 x 5 = 10%)

- 1. O Périplo que James Crawford fez e que passou pelos EUA, pelo México, pela Palestina, por Espanha ou pelo Norte de África foi interrompido pela pandemia, também ela uma barreira que nos impôs obstáculos até dentro de casa.**
- 2. Se a fronteira não tivesse fechado, quando eu estava na Noruega, eu não teria tido que me ir embora.**